

Sinais que Falam: A comunicação não verbal em Um Lugar Silencioso¹

Alexandre GOMES²

Ingrid ANDRADE³

Diego CAVALCANTE⁴

UNIFANOR | WYDEN, Centro Universitário UniFanor | Wyden, Fortaleza, CE

RESUMO:

O objetivo desse artigo é analisar os processos de comunicação não verbais apresentados em Um Lugar Silencioso (filme, 2018). Para compreender o conceito dos signos e do processo de significação nas comunicações não verbais usaremos a abordagem semiótica de Charles Peirce, assim como o estudo da comunicação não verbal de Mark L. Knapp.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Signos; Comunicação não verbal; Um Lugar Silencioso.

1. INTRODUÇÃO

A comunicação sempre foi fator inerente aos seres humanos, muito antes de sermos capazes de nos comunicarmos por meio da linguagem verbal ou de criarmos os primeiros caracteres do que viria a ser nosso atual alfabeto, nossos ancestrais já formulavam diálogos por meio de gestos ou pinturas nas paredes das cavernas.

Ao longo de todos os tempos, grupos humanos recorreram aos mais diversos tipos de expressão: danças, cerimônias e até mesmo jogos de tribos antigas; no entanto o costume a linguagem verbal ao qual fomos condicionados nos fez esquecer essas tantas formas de conversação, pois:

¹ Trabalho realizado na disciplina de Semiótica da Mídia, durante 5º semestre do curso de Comunicação Social- Publicidade e Propaganda, UNIFANOR | WYDEN

² Graduando do curso de Comunicação Social- Publicidade e Propaganda, cursando 7º semestre, UNIFANOR | WYDEN- Campus Duna, e-mail- Lio.Gomes@hotmail.com

³ Graduanda do curso de Comunicação Social- Publicidade e Propaganda, cursando 6º semestre, UNIFANOR | WYDEN- Campus Duna, e-mail- ingrid.0120@hotmail.com

⁴ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), Professor da UNIFANOR | WYDEN e orientador desse artigo, e-mail- diegosemiota@gmail.com

Tão natural e evidente tão profundamente integrado ao nosso próprio ser é o uso da *língua* que falamos, e da qual fazemos uso para escrever- língua nativa, materna ou pátria, como costuma ser chamada-, que tendemos a nos esquecer de que esta não é a única e exclusiva forma de linguagem que somos capazes de produzir, criar, reproduzir, transformar e consumir, ou seja, ver-ouvir-ler para que possamos nos comunicar uns com os outros. (SANTAELLA, 1983, p.10)

Ou seja, apesar de seu uso na comunicação não ser tão frequente, a linguagem não verbal é capaz de expressar, desde sentimentos a reações, de maneira tão eficiente quanto a verbal.

Mas podemos declarar que a Semiótica se encaixa no estudo da linguagem não verbal? Santaella nos diz que (1983, pág.13) “A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno”. O processo de comunicação não verbal baseia-se na decodificação de sinais apresentados por um emissor a um receptor em determinado contexto, isto é, é um processo de significação assim como exposto na Semiótica.

Dito isso, esse artigo tem como objetivo fazer uma análise da comunicação não verbal apresentada em *Um Lugar Silencioso*. Lançado em 2018, produzido pela Platinum Dunes e distribuído pela Paramount Pictures, o filme arrecadou cerca de 340 milhões de dólares mundialmente e recebeu diversas indicações, como Oscar de melhor edição de som. O longa conta a história de uma família que vive em silêncio, na tentativa de sobreviver em um cenário pós-apocalíptico dominado por criaturas que caçam guiadas pelo som.

Fundamentado no conceito de Semiótica de Charles Peirce e nos estudos do uso da linguagem não verbal na interação humana de Mark L Knapp, este artigo tem por objetivo compreender como a comunicação não verbal é desenvolvida por meio de signos visuais utilizados pelos personagens do trama.

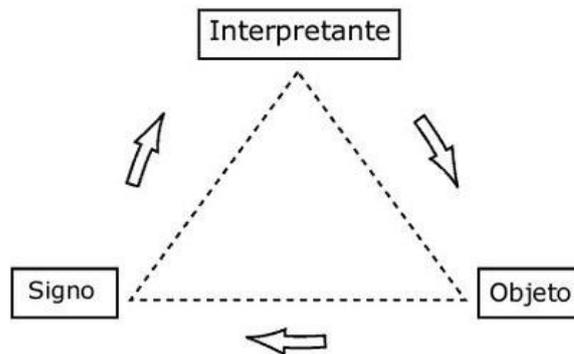
2. A SEMIÓTICA PEIRCEANA

A Semiótica é a ciência que estuda os signos e os processos de significação estabelecidos, tendo como objetivo examinar a constituição de todo e qualquer fenômeno que produz significado e sentido. O estudo da semiótica se fundamenta na Fenomenologia, que tem por objetivo o estudo dos fenômenos. Compreendemos fenômeno como: “qualquer coisa que esteja de algum modo e em qualquer sentido presente à mente, isto é, qualquer coisa que apareça, seja ela externa, seja ela interna ou visceral” (SANTAELLA, 1983, pág. 32).

A fenomenologia por sua vez divide-se em três categorias, que são a base para a Semiótica: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. A primeiridade diz respeito às qualidades, tudo aquilo que de imediato se faz presente na consciência de alguém; a secundidade refere-se ao choque das qualidades, a corporificação da primeiridade encarnada em uma matéria e a terceiridade é a interpretação do fenômeno em si, é quando o objeto passa a representar alguma coisa.

Para que comecemos a tecer a malha da Semiótica, primeiro devemos nos familiarizar com o conceito de Signo. De acordo com Peirce (2010, pág. 46) “Um signo, ou representamen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém”, ou seja, podemos dizer que signo é algo que está no lugar de uma coisa para alguém. Quando o signo representa outra coisa que não corresponde a si mesmo, denominamos de objeto e a maneira como tal objeto será interpretada definimos como interpretante. Tal tríade de elementos é responsável por formar o processo de significação, como vemos na imagem a seguir:

A Tríade Semiótica de Peirce



Cada parte da tríade semiótica de Peirce possui subdivisões, com o intuito de auxiliar o melhor entendimento dos processos de significação e o aprofundamento na compreensão dos elementos presentes na mesma.

2.1. AS TRICOTOMIAS

Os signos são divididos de acordo com três tricotomias:

- Primeira: signo em relação a si mesmo;
- Segunda: signo em relação ao objeto;
- Terceira: signo em relação ao interpretante.
-

De acordo com a primeira tricotomia, o Signo pode ser qualificado em: Qualissigno, Sinsigno ou Legissigno.

- Qualissigno é uma qualidade que é um Signo;
- Sinsigno é uma apresentação singular de qualidades materializadas;
- Legissigno é uma lei que é um Signo, tal lei normalmente é estabelecida pelos homens.

Em relação à segunda tricotomia, o Signo pode ser denominado de acordo com as seguintes modalidades:

- 1) Quando a relação com seu objeto está numa mera comunidade de alguma qualidade (semelhança ou ícone);

- 2) Quando a relação com seu objeto consiste numa correspondência de fato ou relação existencial (índice);
- 3) Quando o fundamento da relação com o objeto depende de um caráter imputado ou relação existencial ou de lei (símbolo). (SANTAELLA, 2000, pág.20)

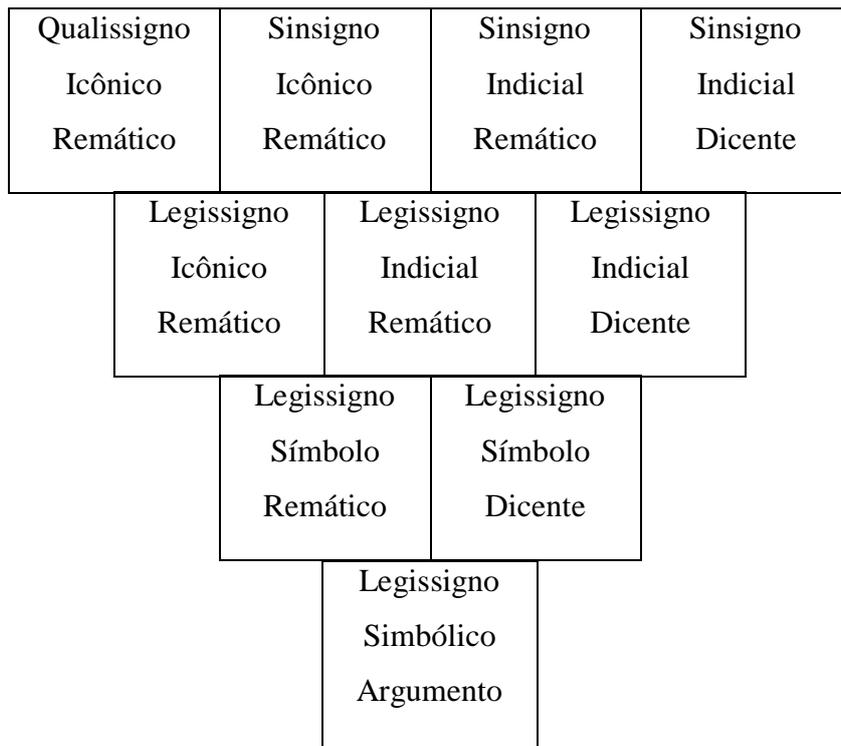
No que se refere à terceira tricotomia, um Signo pode ser dividido em:

- Rema: é um Signo que para seu interpretante é de possibilidade qualitativa, ou seja, é entendido como representação de um objeto possível;
- Dicente: é um Signo que para seu interpretante é de existência real;
- Argumento: é um Signo que para seu Interpretante é Signo de lei.

De maneira simplificada, as Tricotomias Peirceanas funcionam da seguinte forma:

SIGNO 1º em si mesmo	SIGNO 2º com seu objeto	SIGNO 3º com seu interpretante
1º QUALI-SIGNO Qualidade Possibilidade Sentimento	ÍCONE Semelhança	REMA Associações de semelhança associadas na mente. Termo: signo de uma qualidade
2º SIN-SIGNO Realidade Atualidade Existente Sensação	ÍNDICE Conexão Referência	DICENTE É pela existência que o interpretante confirma o objeto. Ou a exposição de um contexto, fatos, proposição.
3º LEGI-SIGNO Lei Ideia Lógica	SÍMBOLO Abstração Representação Hábito	ARGUMENTO Forma lógica Dedução Os signos de lei asseguram-se sua validade.

As três tricotomias em conjunto resultam em uma divisão dos Signos em dez classes, resultando em diferentes subdivisões como mostrado a seguir:



2.2 A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL E A SEMIÓTICA

Grande ferramenta de expressão para os seres humanos, não é de hoje que utilizamos a comunicação não verbal como caminho alternativo para “falarmos” de maneira eficaz ao receptor aquilo que desejamos. No entanto, as influências que ocasionam o uso dela e suas diferentes formas de codificação são mais complexas do que pensamos.

De acordo com Mark L. Knapp (1999), existem três classificações distintas das formas não verbais de codificação, sendo elas:

- Linguagem dos sinais: inclui todas as formas de codificação em que palavras foram substituídas por gestos, variando desde mais simplificado ao mais complexo (Libras);
- Linguagem das ações: abrange os movimentos que não são usados como signos, por exemplo: a maneira de caminhar pode possuir propósito próprio e ao mesmo tempo declarar algo para quem é capaz de interpretar;

- Linguagem dos objetos: compreende a exibição intencional e não intencional de coisas materiais como objetos de arte, máquinas e também do corpo humano em si.

Atrelado a estas formas de codificação, existem outras categorias que descrevem as áreas do estudo não verbal: o ambiente da comunicação, a aparência física do comunicador, proxêmica (percepção do espaço pessoal e social) e o movimento do corpo ou comportamento sinestésico.

Partindo da perspectiva semiótica podemos classificar os signos não verbais da comunicação como: qualissignos: sinais de aparência, ex: acenos de mão, sinssignos: sinais que apresentam realidade ou sensações, ex: o aviso de perigo em determinadas situações e legissignos: sinais que apresentam leis, ex: o uso da luz vermelha nos semáforos para representar “pare” independente do local onde é empregado.

Neste artigo iremos nos focar nos sinssignos e legissignos da comunicação não verbal, para avaliar o estabelecimento da comunicação personagem x telespectador no filme um Lugar Silencioso.

3. UM LUGAR SILENCIOSO E A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

Uma realidade em completo silêncio, onde as pessoas devem se privar do uso do som para se comunicar. Parece algo difícil de imaginar, no entanto ao longo do filme somos apresentados a essa realidade de maneira tão real e presente que nos vemos participantes das situações então enfrentadas durante o longa.

O uso de gestos, expressões faciais ou até mesmo um olhar mais fixo de determinado personagem é capaz de nos informar de toda uma situação e do perigo da mesma, sem a necessidade de uma fala ou uso de palavras para isso. A comunicação não verbal se faz então compreendida por nós, telespectadores da história retratada.

Um dos primeiros momentos mostrados ao telespectador pelo filme vai de 09'03" a 10'15", onde somos apresentados ao perigo real enfrentado pelos personagens e as consequências que o uso do som podem acarretar nesta realidade construída no trama.

Inicialmente vemos a família caminhando em fila, com expressões calmas e relaxadas. Suas expressões faciais nos comunicam que naquele momento tudo está bem e que nada está fora da normalidade, ou seja, é um momento aparentemente tranquilo:



Figura 1- cena do início do filme onde vemos Lee Abbott caminhando com seu filho

Ao longo do desenvolvimento da cena ocorre um fato que parece não representar perigo para nós telespectadores, mas que desencadeia uma reação totalmente diferente nos personagens: o filho mais novo, Beau Abbott liga um foguete de brinquedo, que produz certo barulho e começa a brincar com ele. Vemos então suas expressões mudarem e assumirem uma aparência apreensiva, assustada e até mesmo desesperada.

Ocorre então uma quebra da normalidade e percebemos que aquele fato que parecia inofensivo na verdade oferece um risco que pode até mesmo ser fatal.



Figura 2- Lee Abbott percebe o perigo que está prestes a ocorrer

Mesmo sem uma introdução ou explicação prévias do tipo de tribulação que o som pode ocasionar, conseguimos entender por meio das expressões e reações dos personagens que a situação em questão representa risco. Vemo-nos então agitados diante a presença de um perigo que ainda nem sequer conhecemos.

Isso acontece pois os seguintes signos não verbais que são demonstrados pelo personagem: a mudança de sua postura relaxada para uma apreensiva, sua expressão facial que adquire um tom preocupado e a mudança na intensidade do seu olhar remetem a um aviso de risco. Mesmo sem saber o que pode vir acontecer logo a seguir ou que exatamente devemos temer, conseguimos entender por meio dos sinssignos: expressão de terror que está diretamente relacionada a uma situação que representa terror, que o filho mais novo de Lee está em apuros. No decorrer da cena nos é comprovado que a apreensão que sentimos resultante dos signos transmitidos por Lee, era real. Vemos então Beau ser atacado por uma criatura.

Podemos por meio de nossas referências adquiridas em vida e da associação de tais referências com o que nós é apresentado no contexto da cena, entender a gravidade da circunstância que presenciamos diante de nós. Portanto, por meio do ponto de vista semiótico, classificamos tais signos não verbais apresentados

como sinssignos indiciais remáticos: a conexão entre expressão e o que ela representa na realidade do filme, nos permite associar com signos que já nos são semelhantes do nosso cotidiano e por consequência estabelecer o processo de significação da comunicação não verbal.

Em outro momento do filme, que vai de 45'46" a 46'00", vemos Evelyn Abbott ligar o que parecem ser luzes de alerta para comunicar aos outros personagens que ela está em perigo e que há uma criatura dentro de sua casa:



Figura 3- Lee e Marcus Abbott ao ver as luzes ligadas por Evelyn

Nesse momento já temos um conhecimento mais aprofundado da realidade vivida pelos personagens do e os perigos pelos quais eles podem passar, então fazemos uma associação instantânea entre as luzes e o aviso que queria ser transmitido por Evelyn. Mas isso representa apenas uma parte do processo de significação, a escolha da cor utilizada na lâmpada possui um grande papel no sucesso do entendimento do signo.

Para compreendermos isso melhor basta associar a um signo que já é bastante conhecido no nosso dia a dia: a luz vermelha do semáforo de trânsito. “Por ser o vermelho, tanto de dia quanto à noite, a luz menos natural em comparação a cor do céu e da paisagem, foi por isso que o vermelho foi escolhido para ser a luz mais importante do semáforo” (HELLER, 2013, pág. 120).

A cor vermelha nos diz: “pare”, “perigo” “cuidado”, seu tom forte e incomum nos remete perigo ou proibição, por isso sinais de atenção são da cor vermelha. O vermelho desperta a sensação de alerta em nós seres humanos e o fato de estar sempre ligado a uma advertência, pode ser considerado do contexto semiótico um legissigno.

O costume do uso da cor vermelha desenvolveu em nossas mentes uma lei: onde houver a presença da cor há então uma situação de risco, por isso a escolha da luz vermelha como signo de alerta para os personagens do filme é tão crucial no processo de significação. Se as luzes utilizadas para demonstrar o perigo da cena fossem de qualquer outra cor, não carregariam o mesmo impacto que as vermelhas nos oferecem.

Por meio da experiência que nós telespectadores já adquirimos em relação à lei do uso do vermelho, somos imediatamente impactados pelos legissignos indiciais dicentes não verbais a que somos expostos e construímos assim uma conexão entre referência e contexto dos fatos do filme, concluindo com sucesso o processo de significação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação não verbal a qual nos referimos é muito mais do que apenas gestos simples que substituem palavras, ela abrange toda uma esfera que vai desde a observação da postura até a interpretação das expressões como representação daquilo que queremos expressar. Ao estudarmos algo como os signos não verbais, devemos lembrar que o contexto e as referências de cada pessoa influenciam diretamente na compreensão e entendimento da comunicação.

No caso do objeto estudado nesse trabalho, a particularidade da comunicação não verbal se encontra na forma como nós, telespectadores, conseguimos compreender de maneira direta os sentimentos que nos são comunicados ao longo do filme, sem se fazer necessária a vocalização por parte dos personagens.

Este trabalho se torna relevante por abordar, do ponto de vista semiótico, os signos não verbais e os processos de significação que são estabelecidos no decorrer do filme Um Lugar Silencioso e como eles são interpretados pelo receptor dos mesmos.

REFERÊNCIAS

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**. 1º edição. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva.

KNAPP, Mark L; HALL, Judith A. **Comunicação não verbal na interação humana**. São Paulo: JSN Editora, 1999. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 4º edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 27º reimpr. da 1º ed. São Paulo: Braziliense, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Editora Guazzelli Ltda, 2000.